

Drogaria 31 de Janeiro

Tradição na Modernidade do Tempo



pág. 4 e 5

Manuel da Silva Rei

A Arte do Funileiro-Alquimista



pág. 2 e 3

Karaté do Varzim S.C.

Uma Escola de Referência no País



pág. 6 e 7

'Caminhos, Ruas e Lugares'

Conheça a Rua da Quingosta



pág. 8

Manuel Rei – Mãos de Arte e Coração de Ouro



Manuel da Silva Rei nasceu em 20 de abril de 1950 e é uma personalidade icónica da nossa comunidade, com um trajeto notável principalmente no associativismo poveiro, fruto da dedicação e do trabalho desenvolvido em prol do Campeonato Inter-Freguesias e da Associação Cultural e Recreativa da Matriz. Homem humilde e de bom coração, Manuel Rei travou muitas batalhas na vida. E venceu...

Natural de Barcelos, aos 7 anos de idade veio viver para uma família adotiva de Nova Sintra, na Póvoa de Varzim. Frequentou a escola primária na Poça da Barca e herdou do pai que o acolheu a arte de funileiro. “A escola ficava no edifício onde o meu pai tinha a oficina. Durante o recreio, ao invés de brincar com as outras crianças na rua, ia ajudar o meu pai. Com

10 anos já fazia baús de folheta para os pescadores levarem a comida para o mar e cornetas para os bacalhoeiros sinalizarem a sua posição nos nevoeiros densos da Terra Nova. Inclusive, cheguei a construir uma enorme corneta, com duas palhetas, que ficou célebre na claque do Varzim”, recorda.

A arte da funilaria e pichelaria acompanhou sempre o trajeto de vida de Manuel Rei, que não conheceu outra profissão, e apenas foi interrompido durante o período em que esteve na Guerra de Ultramar (1972 a 1974). No entanto, o álcool foi o seu maior inimigo. Manuel Rei exorcizou demónios e superou obstáculos, agarrado a uma força de viver que ainda hoje é motivo de orgulho: “Tinha 33 anos quando tomei a decisão de parar de beber.

Na altura trabalhava no Quintas & Quintas e construí um cenário em chapa para um espetáculo do Frei Hermano da Câmara, no Pavilhão do Desportivo, de angariação de fundos para o Mapadi. Criei um rio a nascer na montanha e a desaguar num açude, debaixo de uma ponte, formando um espelho de água onde cantava o Frei Hermano da Câmara”.

E prossegue: “Recebi tantos elogios que o Bispo Auxiliar de Braga, Dom Eurico Nogueira, disse que eu tinha um dom de Deus. E não entendia como era possível construir um cenário magnífico e ter atitudes de ofensa à família, por causa do álcool. Nesse dia de 17 de fevereiro de 1983 decidi parar de beber. Pedi ajuda a um anjo na terra, o Manuel Tavares, que me levou a Braga fazer uma desintoxicação. Estive 22



dias internado e nunca mais toquei numa gota de álcool. Ainda hoje tenho uma enorme admiração e respeito pelos utentes do Mapadi porque foi também por eles que nasci de novo”. Nesse mesmo ano, Manuel Rei torna-se um dos fundadores do Grupo de Alcoólicos Anónimos da Póvoa de Varzim/Vila do Conde.

Fiel à herança de uma vida, onde habilidade e criatividade se fundem para transformar o metal em verdadeiras obras de arte, Manuel Rei assume que sempre teve engenho para a criação: “Sou bastante perfeccionista em tudo o que faço. Sem falsas vaidades, cheguei mesmo a colocar um barco de chapa a navegar. Lembro-me que os tubos de escape eram duas esferográficas. Fiz um depósito em ouro-mouro (um cobre muito fininho) com uma lâmparina a azeite por baixo. Assim que a chama aquecia o depósito, a água começava a ferver e o barco navegava. Foi uma das muitas engenhocas que inventei. Bastava



colocar algo na cabeça que rapidamente começava a ganhar forma”.

Aos 74 anos de idade, Manuel Rei está aposentado, mas ainda faz uns trabalhos na serralharia David & Mateus, na área do corte e quinagem. Nas horas vagas, na sua pequena oficina improvisada, dá azo à imaginação e cria pequenas obras de arte para a família e amigos.

De entre os objetos que guarda religiosamente, destaque para um cinzeiro em cobre feito em 1988, como recordação do período que passou em Angola, na Guerra do Ultramar. “Os pés são invólucros da Whalter, os reatores das asas são os projéteis da Whalter, o bico é o projétil de uma munição traçante e o corpo do avião são dois invólucros da G-3. Para mim, esta peça tem um duplo significado, porque se as balas matam, o tabaco também. Foi construído em 1988 e tem muito da minha juventude e das lembranças que vivi”.

Atualmente, Manuel Rei entretém-se a construir uma árvore que representa a genealogia da família. “Construo estas peças simplesmente por hobby, na minha garagem. Ainda há uns tempos construí um regador oval para um amigo, muito original. É uma forma de passar o tempo e fazer peças com um toque de originalidade. Muitas vezes, de simples embalagens faço ‘cochichos’. Gosto de retirar filamentos de lâmpadas fundidas sem as partir para depois dar luz a petróleo. Orgulho-me de não precisar de lápis, papel ou escalas. Mágico na minha cabeça e meto mãos à obra. É uma arte que nasceu comigo”.



Figura de proa do associativismo poveiro, Manuel Rei dedicou 33 anos à Associação Cultural e Recreativa da Matriz, a quem deixou dois maravilhosos trabalhos da sua autoria. “Construí um pequeno fontanário que é uma réplica do Fontanário da Praça do Almada, apenas difere na imagem. No original está retratado o burgo poveiro, enquanto que na peça para a Matriz encontramos a lira e o coração, sendo que a imagem é da responsabilidade do arquiteto Eurico. De igual forma, construí um cru-



zeiro, que acompanhava a Rusga da Matriz nas Festas de S. Pedro. E em Angola e no Brasil também se encontram muitas peças feitas por mim. Sou um homem realizado...”

Drogaria 31 de Janeiro

A Tradição (Ainda) É o Que Era



Calcorreando a Rua 31 de Janeiro, bem no coração do Bairro Sul, deparamo-nos com uma das últimas drogarias da Póvoa de Varzim. Os mais jovens provavelmente não sabem, mas num passado (ainda bem) presente era muito comum ir à drogaria buscar sabão de barra, graxa para os sapatos, esfregão de palha de aço, tubos de cola, parafusos ou detergentes.

A chegada do novo século e a proliferação das grandes superfícies, abertas todos os dias e durante longas horas, ditaram o desaparecimento de muitas drogarias, mas as mais resilientes desafiam a modernidade dos tempos e insistem em sobreviver...

Nas prateleiras e balcões destas lojas recheadas de 'estórias', que se mantêm fiéis ao atendimento personalizado e à venda à moda antiga, ainda hoje se contam pregos, parafusos e anilhas, porque o cliente não é obrigado a levar mais do que necessita.

Uma História de Trabalho e Resiliência

Nesta viagem por algumas lojas históricas da Póvoa de Varzim, chegamos ao n.º 135 da Rua 31 de Janeiro. À porta, os sacos de carvão, os detergentes e uma para-

fernália de produtos e utensílios expostos na montra dissipam todas as dúvidas, estamos na Drogaria 31 de Janeiro.

E, uma vez lá dentro, é como se recuássemos no tempo. Há artigos que nos remetem à infância, quando íamos fazer os recados dos nossos avós. Na drogaria, o que já não cabe nas prateleiras, tal como se via há décadas, está pendurado no teto. E respiram-se estórias, que deixaram marcas de um tempo sem tempo...

A Drogaria 31 de Janeiro é propriedade de Artur Silva desde 1982. Natural de Vila do Conde, filho mais velho de uma família de raízes humildes, aos 10 anos de idade, quando completou a escola primária, foi trabalhar para ajudar com dinheiro em casa. "Naquele tempo havia muita miséria. O meu pai trabalhava na construção civil e a minha mãe era rendilheira, em casa, enquanto tomava conta dos filhos. No inverno, o trabalho escasseava e havia semanas que não entrava dinheiro em casa. Sempre fui um bom aluno, dos melhores da turma, de tal forma que o meu professor,

o senhor Sá Faria, tio do antigo presidente da Câmara de Vila do Conde, Mário de Almeida, prontificou-se, junto dos meus pais, a suportar as despesas com os meus estudos, mas eu estava decidido a ajudar os meus pais".

Foi então que Artur Silva decidiu ir trabalhar para uma mercearia perto de casa: "Ganhava 100 escudos por mês e meio. Era um estabelecimento de mercearia e tasco. Entrava às 8 horas da manhã e só saía à meia-noite. Era uma escravidão tremenda. Estive lá quatro meses, até



que certo dia apareceu um senhor que me ofereceu trabalho, numa drogaria na Rua Alfredo Bastos, na Poça da Barca, e pagava-me 300 escudos por mês. Embora fosse muito longe de casa, para ir a pé entre campos, carreiros e areais, naquele tempo, em 1966, era muito dinheiro. Aceitei a oferta e estive lá 12 anos, nunca conheci mais nenhum outro patrão".

Aos 14 anos, Artur Silva foi estudar à noite, concluiu o 6.º ano do ensino comercial, e com 22 anos de idade decidiu estabelecer-se por conta própria. "No dia 7 de agosto de 1979 abri ao público a minha própria drogaria, no n.º 711 da Av. Carlos Pinto Ferreira, nas Caxinas. O conhecimento do negócio e a relação com fornecedores e clientes permitiram-me tomar este passo decisivo na minha vida. Com o passar do tempo, como o estabelecimento era pequeno e o negócio proliferava, acabei por mudar a drogaria para uma loja maior que vendia eletrodomésticos, num espaço contíguo, e fiquei com a representação da revenda de gás. Infelizmente, quando o proprietário do prédio faleceu e passou para a mão de herdeiros, nunca foram realizadas obras de reabilitação. O edifício degradou-se e acabei por encerrar a drogaria em 2008".

No entanto, em 1982, Artur Silva adquiriu a Drogaria 31 de Janeiro, que até aos dias de hoje continua a desafiar a modernidades dos tempos e a preservar uma clientela fiel. "Na altura, o negócio foi-me sugerido por um fornecedor de tintas Dyrup. A drogaria quase que já não tinha clientes, não pagava a fornecedores, mas ainda assim decidi aproveitar a oportunidade. Lentamente consegui regularizar as dívidas e ter a drogaria de portas abertas há 42 anos. Pese embora a triste realida-



de do comércio tradicional neste país, à mercê das lojas dos 300, das grandes superfícies comerciais e da proliferação dos estabelecimentos de emigrantes asiáticos, ainda se fazem pequenos negócios. Vai dando para sobreviver, porque o cliente encontra aqui materiais de qualidade e um atendimento personalizado", sublinha.

Na Drogaria 31 de Janeiro encontramos de tudo um pouco. É uma autêntica casa-museu tal é a diversidade de artigos atuais e outros mais antigos que repousam nas prateleiras à espera de serem vendidos. Mas o que já não encontramos é o famoso Livro de Fiados. "Confesso que perdi milhares de euros. As famílias dos pescadores sempre foram cumpridoras. Muitas vezes não tinham dinheiro, porque não iam ao mar, mas depois vinham pagar. O meu problema resultou do 'boom' na construção civil. Nos finais dos anos 80 e inícios dos

anos 90, quando Caxinas teve um enorme desenvolvimento urbanístico, as pequenas casinhas de pescadores deram lugar a casas e prédios. Os empreiteiros vinham à drogaria comprar material e, confiando na seriedade e na boa-fé, acabávamos por facilitar no pagamento. Escrevíamos no livro de fiados, mas acabávamos por perder o fio à meada. Nem nos apercebíamos do dinheiro que estava na rua. E quando íamos cobrar os calotes, muitos já tinham emigrado e ficávamos a arder. Fiquei sem muito dinheiro, tal como o Mendes e Castro, o António Gomes de Amorim, a Casa Rios, entre outros, que atualmente até já fecharam portas. Eu ainda consegui aguentar o barco, com muita dificuldade e sacrifício".

Artur Silva conclui: "Aqui na Drogaria 31 de Janeiro é possível encontrar de tudo um pouco, desde artigos de limpeza, ferragens, gás, brinquedos, louças, etc. Aliás, neste ramo, devemos ser das casas mais completas e das poucas que ainda consegue resistir, fruto do trabalho e amor à profissão. E ainda vendemos à unidade, sempre com a constante preocupação de aconselhar e satisfazer os nossos clientes. É uma drogaria à moda antiga, mas com a missão no presente de perpetuar esta atividade no futuro".

Karaté Shotokan do Varzim Sport Club

Os Princípios e Valores da Escola-Referência no País



O Karaté é uma arte marcial japonesa que teve a sua origem em Okinawa e foi introduzida nas principais ilhas do arquipélago japonês em 1922. No final da dinastia Ming, Okinawa passou a ser dominada pelo Japão e de forma a evitar a revolução do povo nativo, foi proibido o uso de armas. Sob pressão militar, a população procurou, nos utensílios do quotidiano e no próprio corpo, os meios para se poderem defender. Surgiram assim os primeiros indícios de uma arte marcial, inicialmente chamada de 'tode'.

Em Portugal, o surgimento do Karaté foi alicerçado durante o período de 1962 a 1964, através de um grupo que integrava a Academia de Budo de Lisboa. Estes primeiros passos serviram para fazer vários contatos com organismos internacionais. Após algumas diligências foi possível trazer a Portugal, entre 1964 a 1966, instrutores dos estilos Shotokan e Shotokai, que ajudaram na motivação e na efetivação do treino. A 8 de janeiro de 1964 foi atribuído, pela União Portuguesa de Budo, ao Dr. Pires Martins, o 1º título de Agente de Ensino de Karaté em Portugal.

António Extremina – O Mestre do Karaté Alvinegro

‘A suprema arte da guerra é derrotar o inimigo sem lutar’, assim escreveu Sun Tzu no renomado livro ‘A Arte da Guerra’. De igual forma, o verdadeiro valor do karatê não está em dominar os outros pela força física. Nesta arte marcial não existe agressão, mas sim nobreza de espírito, domínio da agressividade, modéstia e perseverança. E são três os pilares do karatê: kihon (apuramento técnico), kata (avaliação técnica) e kumite (combate).

A Secção de Karatê do Varzim Sport Club foi criada em 1976 por um grupo de poveiros que contactou o mestre José Ramos para iniciar a atividade na Póvoa de Varzim. Por ser uma novidade, o ensino desta arte marcial de defesa pessoal desencadeou uma adesão extraordinária, de tal forma que rapidamente se atingiu a barreira dos 100 atletas. Volvidos cinco anos, surgiram os primeiros cintos negros, os mestres Evaristo, Ramiro e Castro Lopes. O mestre António Extremina tem 64 anos e é o Coordenador da Secção de Karatê do Varzim Sport Club. “Sempre gostei de artes marciais, até pelos filmes que víamos do Bruce Lee, do Chuck Norris, do Jim Kelly, e por ocasionalidade, em 1980, um amigo meu de Pevidém, o Manuel Correia, que treinava karatê com o António Santos ‘China’, desafiou-me a experimentar. Fui com ele num sábado ao Liceu (Escola Secundária Eça de Queiroz) e o primeiro impacto foi inesquecível. Ao presenciar cerca de 100 praticantes a dar o ‘kia’ (grito de exteriorização da energia corporal) até fiquei arrepiado. Fui ao Porto comprar o meu kimono e fiquei até aos dias de hoje, já lá vão 44 anos”, recorda.

Em 1976, Manuel Vaz presidia à Direção do Varzim Sport Club e acolheu o karatê no universo do alvinegro. “Na altura, o Varzim era um clube muito eclético porque tinha basquetebol, atletismo e voleibol. Neste trajeto de 48 anos o karatê é a única modalidade que ainda subsiste fora da esfera

do futebol. Sob a supervisão do mestre José Ramos, tínhamos um grupo de graduados com conhecimentos e excelentes qualidades competitivas. E fruto dessa dinâmica e do trabalho desenvolvido na década de 80, a Secção de Karatê do Varzim chegou a ter cerca de 250 atletas. Era a maior escola do País e uma das maiores da Europa. Inclusive, pela primeira vez em Portugal, organizamos um Torneio Internacional de Seleções, no Pavilhão do Clube Desportivo da Póvoa, que ainda hoje pontifica na história do karatê nacional, com a participação das seleções de Itália, Calábria, Angola, Portugal e do Varzim. Conquistamos o 3º lugar e foi um momento desportivo extraordinário que aconteceu na Póvoa de Varzim”, sublinha.

Decorria o ano de 1994 quando António Extremina passou a assumir, em definitivo, a coordenação da Secção de Karatê do Varzim Sport Club. Desde então e até aos dias de hoje, tem alicerçado a sua missão nos valores da Sinceridade, Etiqueta, Esforço, Controle e Caráter. “Prezo por transmitir aos meus alunos os princípios que aprendi no karatê. Aliás, a base do meu trabalho incide no karatê tradicional, que adota como ob-



jetivo um caminho e uma filosofia de vida, do que propriamente no karatê competitivo, cujo intento é apenas vencer combates. Na qualidade de professor e coordenador da secção, a minha missão é educar e formar, no desporto e na vida”.

A pandemia foi um duro revés no trabalho desenvolvido. O regresso à ‘nova normalidade’ faz-se com esforço e dedicação, reforça: “Por causa da Covid-19 ‘perdi’ 35 atletas e nunca mais os recuperei. Um dos nossos méritos é conseguir retirar as crianças e os adolescentes do sofá, da playstation, do computador ou do smartphone, mas a pandemia causou um retrocesso. Voltaram ao sofá e não é fácil retirá-los dessa zona de conforto. Atualmente tenho cerca de uma dezena de alunos muito dedicados”.

Desde que foi criada, a Secção de Karatê do Varzim desenvolve a sua atividade num ginásio da Escola Secundária Eça de Queiroz. “Não é o ideal, porque precisávamos de um espaço maior e de um tatami, mas só posso agradecer à direção do Liceu a disponibilidade e o apoio renovado ao longo de todos estes anos”.

António Extremina acrescenta: “O ideal seria o Varzim, dentro das instalações de que dispõe, conseguir um espaço para a Secção de Karatê, para podermos ter mais horários, porque na escola estamos mais limitados. Enquanto não é possível, resta-me abraçar a missão de ensinar e estimular os meus atletas, para que sejam capazes de ultrapassar as dificuldades e os obstáculos”.

Varzim Homenageou a Dedicção do Lobo-do-Mar

Aquando da apresentação do plantel profissional de futebol para a presente temporada, no Largo do Passeio Alegre, a Direção do Varzim Sport Club aproveitou o momento para homenagear António Extremina pela sua incedível dedicação à Secção de Karatê. O gesto foi acompanhado em uníssono por um coro de aplausos, por parte dos adeptos poveiros, e deixou o mestre poveiro agradecido e emocionado: “Fui apanhado de surpresa e não consegui conter as emoções ao sentir o carinho e o reconhecimento da massa associativa. Agradeço à Direção do Varzim, nas pessoas do seu Presidente, Ricardo Nunes, e da Diretora das Modalidades Amadoras, Raquel Antunes, a quem transmiti a neces-

sidade de divulgar e promover esta modalidade do clube. O Varzim tem mais de 4000 sócios e se 5% inscreverem os filhos ou os netos no karatê, conseguimos alavancar a secção. Não queremos dinheiro, apenas mais apoios, logístico e de representatividade. Levamos o símbolo ao peito e no kimono um enorme orgulho em representar o Varzim”.

Encontrar um ‘discípulo’ que possa assegurar o futuro da Secção de Karatê do Varzim é uma preocupação que António Extremina não esconde. “Muitos alunos chegam à adolescência e acabam por deixar o karatê. Outros ingressam no ensino superior e não conseguem conciliar o desporto com os estudos. Neste momento, é difícil descortinar alguém que possa dar continuidade ao meu trabalho. Isso acarre-

ta mais responsabilidade porque pesa sobre mim o dever de não deixar morrer o Karatê do Varzim. Tenho plena consciência que se hoje eu saísse, provavelmente a secção fechava portas”.

Aos 64 anos de idade, o Mestre 5º Dan ainda acalenta o desejo de conhecer o Japão: “Nunca vivi do ensino do karatê, mas da minha atividade ligada à restauração, durante 44 anos. Mas não vou morrer sem ir ao país-berço do karatê. É um chamamento. Lá consegues sentir a essência do karatê, que é o respeito pelo próximo”.

E acrescenta: “Treino todos os dias, muitas vezes na companhia dos meus filhos. Eles acompanharam-me durante 16 anos e depois seguiram o seu caminho. E todas as terças-feiras treino com o Mestre José Ramos, participo em formações com grandes mestres internacionais, e procuro sempre o conhecimento”.

‘Um karateca nunca desiste!’. Este é o lema que António Extremina transmite aos seus alunos: “Devemos lutar sempre pelos nossos objetivos. Desistir é uma palavra que não pode existir no vocabulário. Congratulo-me com o sucesso escolar dos meus alunos, celebro com eles essas conquistas, porque os estudos estão sempre em primeiro lugar. O sucesso deles é o meu sucesso”.

E como se renova a ambição a cada nova época que se inicia? “Quando visto o kimono sinto uma energia que não se consegue explicar. Sou outra pessoa. Tenho sempre vontade de ensinar e transmitir os meus conhecimentos”, conclui António Extremina.

Quem pretender experimentar e ingressar na Secção de Karatê do Varzim Sport Club, os treinos são às segundas, quartas e sextas-feiras, das 19:00 às 20:00h, na Escola Secundária Eça de Queiroz.



“Caminhos, Ruas e Lugares”

O Topónimo da Rua da Quingosta



Em pleno coração da cidade, percorrendo as históricas ruas e vielas, encontramos gente feliz porque estamos na Matriz. E se o Cidral é fonte de inspiração, a Matriz é guardiã de décadas de histórias e de memórias agarradas à tradição.

Na rubrica desta edição percorramos a estreita e histórica Rua da Quingosta, outrora também chamada de Cangosta. Desde 1697 que o topónimo aparece a designar a travessa que vai desde a Rua de Carlos Alberto (antigamente incluída na Rua da Amadinha) até à Rua do Cidral, atravessando a Rua do Visconde (antiga Rua Nova) e a Rua dos Gaios (que também se chamou Rua Faria Gajo).

Na ata da sessão camarária de 13 de outubro de 1875, esta artéria surge com o nome de Travessa de Carlos Alberto, na parte compreendida entre a Rua de Carlos Alberto e a Rua do Visconde, enquanto a parte restante tomou o nome

de Travessa do Visconde. No entanto, para que não se perdesse este topónimo tradicional, a Comissão Municipal de Toponímia propôs que se voltasse a chamar Rua da Quingosta, proposta aprovada em sessão camarária de 19 de janeiro de 1966. E optou-se pela designação de Rua da Quingosta, por ser esta a forma mais antiga e a que aparece com mais frequência em relação à grafia Rua da Cangosta, cujo nome significa caminho estreito, ruazinha, carreiro...

Aliás, segundo o Dicionário Crítico e Ethymológico da Língua Portuguesa (Paris, 1836), é a corrupção do latim ‘callis’ (ruazinha) e ‘angusta’ (estreita). E segundo o gramático e lexicógrafo Cândido de Figueiredo (1846 – 1925), trata-se de uma rua estreita e longa ou caminho estreito, entre paredes, que deriva do latim ‘canalis’ e ‘angustus’, que por condensação deu ‘canangusta’, ‘cangosta’ e ‘congosta’.

Este topónimo é frequente em muitas outras terras, como em Coimbra (Rua da Cangosta) e no Porto (Caminho das Cangostas).

